

plo: O de uma creança de um bairro pobre, collocada numa sala de creanças providas de classe mais elevada. Era intelligente e viva e, entretanto, mantinha-se absolutamente alheia aos trabalhos, silenciosa e isolada dos companheiros. Tratava-se, naquellas aulas, da casa e de suas diversas partes, comó se constitue uma sala de jantar etc. Entretanto, bastou-se apresentar um quadro em que havia um arado, para que a creança se interessasse vivamente. E' que se tratava de uma coisa conhecida, de seu meio, de seu ambiente...

Isso prova que os interesses das creanças são modificados de accordo com o meio em que vivem.

Outros aspectos

Discutiram-se, depois, algumas das características da alma infantil: a dramaticidade, a actividade, o interesse pela locomoção, a imitação.

Frisou-se bem que os programas devem ser dados de accordo com os interesses das creanças e para esse fim devem ser elles conhecidos perfeitamente.

Afinal, debaten-se como a aula pode desenvolver intellectualmente as creanças: aventou-se que se lhes devia dar liberdade physica e mental, espaço, e, principalmente, que se lhes despertasse a curiosidade e a actividade. Como despertar tal actividade? Offerecendo-lhes oportunidades de pensar, com a vista de coisas novas, com a representação de seres animados e inanimados, com os brinquedos, gravuras, etc.

A professora suggeriu o uso dos quadros de avisos: Cada classe devia ter um. Nelle por-se-ia todos os dias uma estampa, um retrato, um desenho, tirado de um jornal ou revista, e seria esse um elemento de primeira ordem para suscitar curiosidade aos alumnos. Durante a aula se discutiram outros problemas, que se prendiam á the-se do dia: si se devia ou não levar animaes em aula, para que os alu-

prios trabalhos das creanças. Tem esta ultima parte grande importancia, porque determina a colaboração dos alumnos nos trabalhos escolares, lhes serve de estímulo para o trabalho e lhes dá o sentimento de serem uteis.

Como escolher, porém, os trabalhos dos alumnos? Apenas os das classes avancadas, respondeu um assistente. Todas as classes devem cooperar, responderam outros. Todos as creanças trabalham. Todas esperam revelar os seus trabalhos. Para que se dê forma efficiente a esse util processo de ornamentação, adveiu-se nas seguintes conclusões: dividir a escola singular ou o grupo em secções, de accordo com os graus da serie escolar; fazer com que todos trabalhem; uma vez feitos os trabalhos, dar aos alumnos a liberdade e a iniciativa de os escolherem para o fim a que se destinam; uma vez escolhidos, devem ficar por pouco tempo, expostos, dois a tres dias, quando muito, não só para renovar o ambiente escolar, como também para permitir acesso a maior parte dos trabalhos dos alumnos.

Como aprendem as creanças

Passou-se, depois, a discutir o desenvolvimento mental e os meios de promover-o.

Como as creanças aprendem? Brincando, e esse brinquedo consiste em construir e destruir. Deve cultivar-se a tendencia que as creanças têm de actividade e aproveitamento para os fins escolares. Tal actividade é tanto mais proveitosa quanto se relaciona com os interesses proprios das creanças.

Taes interesses, pelo menos dos 5 aos 11 annos, acham-se hoje admiravelmente estudados, e o ensino só terá effiencia quando sobre elles se basear.

Ha casos que perfeitamente comprovam esse conceito e todo professor, meditando bem, ha de os ter encontrado, no seu tirocinio. Exem-

plário e criticou-se a actual organização, preferindo-se-lhe mesas e cadeiras; do pateo de recreio e de sua arborização; da decoração escolar, dos inconvenientes que apresenta contra a hygiene, e de como resolver tal problema nas escolas isoladas e onde a professora tem pouco tempo, entregando-o exclusivamente aos alumnos; da colaboração dos alumnos nos menores factos da vida escolar e da utilidade dessa colaboração.

Passou-se a discutir o que seja liberdade, como deve ser interpretada e como corresponder á actividade dos alumnos, que é indistinctivamente uma das características das creanças.

Da attenção resultou a posição, donde se conclue que não se pode fixar arbitrariamente tal posição. A disciplina formal, napoleônica, contraria as tendencias naturaes das creanças. Pode-se calcular a irritação das creanças sujeitas a esse regimen draconiano, pela irritação com que os adultos supportam uma posição firme, por muitas horas...

Discutiu-se largamente o assumpto e concluiu-se que se deve permitir as creanças a maior liberdade de quanto a posição, corrigindo-as, porém, fazendo-as comprehender os motivos, as posições defeituosas e nocivas á saude.

Passou-se a discutir os varios aspectos do ambiente escolar: luz, ar, acustica, temperatura, limpeza de paredes, etc.

Em summa: o ambiente deve ser organizado de accordo com a natureza infantil. As creanças devem tomar parte, tanto quanto possível, nessa organização. Isso provocará a iniciativa e o espirito de cooperação.

3.ª AULA

Como ornamentar a aula

Continuando a aula anterior, a professora poz em discussão a the-se: Como ornamentar a aula? Quadros, flores e, sobretudo, os pro-

funcão formadora e reformadora. Falou-se do predio e das condições que se lhe devem exigir, da sala de aula e de sua organização, da liberdade e como deve ser comprehendida.

2.ª AULA

O ambiente escolar e o desenvolvimento dos alumnos

A professora estudou, com cuidado, tudo o que se refere ao predio escolar, propondo um plano norte-americano de inspecção a elle referente e submettendo-o á consideração e á discussão dos assistentes.

Passou depois a estudar a the-se do dia: influencia do ambiente escolar no desenvolvimento dos alumnos.

Fixou bem que a escola deve attender á natureza dos alumnos, para favorecer-lhes e não embaraçar-lhes o desenvolvimento. A escola não é uma organização immutavel e fixa: deve ser malleavel e ductil e anollar-se ás condições dos alumnos.

Si algum dos dois tem que adaptar-se, é a escola aos alumnos e não estes á escola.

Cuidando, particularmente, do desenvolvimento physico, advieram os assistentes em que é necessario dar aos alumnos ensino a que exercem amplamente sua actividade. Dois factores são exigidos para que se alcance esse objectivo: liberdade de movimentos (em que se inclue liberdade de pensar e dizer) e espaço.

Como resolver o problema do espaço na escola? Como dar liberdade de movimentos, si a sala de aula não comporta?

Discutiu-se largamente qual deve ser a posição da porta em relação com a classe: um assistente achava que devia ficar ao lado do quadro negro, porque assim um espaço muito maior ficaria á disposição dos alumnos. Objecções se lhe levantaram, affirmando que a porta desviaria a attenção dos alumnos. Falou-se largamente sobre o mo-

mnos os vissem; como representar seres alheios ao meio escolar; qual a função das gravuras; si se devem levar plantas e como plantal-as, etc.

4.ª AULA

Organização da sala de aula

A professora falou sobre a organização da sala de aula e apontou claramente os inconvenientes que para a escola activa offerece a actual organização.

Qual o fim dessa organização? Auxiliar o desenvolvimento dos alumnos, sob todos os aspectos. Quanto ao desenvolvimento physico, intellectual e moral, grandes são os inconvenientes e, em aulas anteriores, se discutiu amplamente como removê-los e como, com os meios de que dispomos, podemos organizar nesse sentido a nossa aula.

Quanto ao desenvolvimento social, que é a thèse do dia, a organização da sala de aula, como ordinariamente se faz, offerece muitas desvantagens. Tal organização, com os alumnos sentados de costas uns para os outros, fixos nas suas carteiras e voltados só para o professor, para quem converge toda a attenção da classe, é apropriada para o velho systema, em que o professor era tudo.

Os alumnos não se vêm na escola actual, não trocam idéas, não discutem.

Na introdução da escola activa, o actual ambiente deve ser modificado de molde a dar aos alumnos liberdade de movimentos e a permitir-lhes que se vejam e falem, ouvindo com attenção a opinião dos outros e discutindo-a serenamente, adaptando-a, modificando-a, rejeitando-a.

No velho systema, falarem os alumnos entre si constituia uma falta grave. Só tinham que falar com a professora. Hoje, não. É necessário que a escola se organize de accordo com as actividades dos

alumnos e tal disposição pode ser adequada hoje, inadequada amanhã.

Numa aula de modelagem, por exemplo, em que os agrupamentos se formam de accordo com as affeições naturaes dos alumnos, estabelecem-se conversações e discussões entre as creanças, critica da feitura dos objectos, observações por vezes interessantissimas, que o mestre deve colher para corrigir ou orientar, mas sempre coher, quando mais não fosse para apanhar a psychologia de seus alumnos. O importante é provocar entre elles conversa e dar-lhes plena liberdade.

Já, na aula anterior, foi estudado que o systema do mobiliario actualmente adoptado e que consiste em carteiras, não corresponde ás novas idéas pedagogicas.

Como poderemos resolver o problema, em nosso meio e com os nossos elementos? Situando estas carteiras de modo que os alumnos se possam ver e deixar, quanto possível, a propria iniciativa e direcção dos alumnos, a disposição do material.

Varias medidas foram, então propostas e discutidas, concluindo-se que a orientação deve ser, facilitar que os alumnos se entrevejam e se comuniquem livremente, estejam assentados num ou noutro extremo, e que para isso se deve attender ás condições da sala, que variam muito.

Outra desvantagem da antiga organização, que impede sobremodo o desenvolvimento social é o conceito de disciplina. A disciplina resulta do trabalho attento, que, por sua vez, resulta do interesse. Devem-se interessar os alumnos no trabalho e dar-lhes plena liberdade de pensar, dizer e agir. Não se confundir liberdade só com liberdade de movimento, que se rebede em pular, correr, derrubar carteiras e trepar a ellas, mas e principalmente em liberdade de pensar e de dizer. Ora, sem tal liberdade, os alumnos não trocam

telligentemente, pois muito contribuem para a efficiencia do ensino. A classificação que entre nós se tem feito não tem obedecido a um critério scientifico e é mais uma distribuição irregular do que propriamente uma classificação.

Para uma boa classificação, é necessário attender aos seguintes principios:

Em primeiro lugar, todas as creanças são diferentes. Proveem de familias diferentes, diferente é o lastro hereditario, diferente o meio physico, moral e social em que vivem. É necessário considerar essas diferenças, e não ministrar um ensino uniforme e inflexivel. Como, entretanto, chegar ao conhecimento dessas diferenças?

Faz-se preciso um periodo de observação. Os tests tanto os de intelligencia como os de cultura, parecem meios adequados, uma vez que intelligentemente organizados e prudentemente executados. Não sendo possível o emprego dos tests, ou mesmo parallelamente com este emprego, cumpre fazer uma longa observação das creanças, sob todos os seus aspectos. Para isso, devem as creanças ter liberdade de agir, para que manifestem claramente as suas tendências. Por outro lado, o professor deve proporcionar a cada creança ensejo para trabalhar. *Igualdade de oportunidades* — eis um dos principios cardiaes da nova escola.

Em segundo lugar, é necessário graduar o material de ensino, graduar o ensino de accordo com as capacidades diferentes reveladas pelas creanças de cada classe. Vivendo-se uma classe em surfenormaes, normaes e inferiores, geralmente, a attenção dos professores tem convergido para os inferiores, no presuppósito de que o que serve para estes é facilmente apprehendido pelos demais.

Isto traz como consequencia o desinteresse das normaes e a indisciplina dos super-normaes, isto é, da melhor porção da escola.

idéas, não formarão amizades, não formarão sociedade.

Outra desvantagem que impede o desenvolvimento social é a distribuição dos alumnos nas classes. Tal qual se faz ordinariamente, collocando-se os menores á frente e os maiores atrás, os meninos se parados das meninas, etc., sem attenção á capacidade auditiva ou visual dos alumnos e ás affeições naturaes que os possam reunir, impede-se que os alumnos se agrupem, travem relações, cooperem em redor de uma mesma actividade e levados pelo mesmo interesse.

O que se deve é promover taes agrupamentos, fazer com que os meninos se reúnem, se organizem e cooperem para um mesmo fim.

Finalmente, cumpre, de accordo com os elementos de que dispomos, dar uma nova organização, que exclua, inteiramente estas graves faltas da velha escola: immobillidade, disciplina militar, ensino passivo, lições feitas de accordo com a mentalidade dos adultos e só propria para adultos.

Antes de terminal a aula, a professora Lucia se referiu a um dos pontos da aula passada e explicou melhor. É o que se refere ao facto de levar animaes em aula. Quaes? Os domesticos, naturalmente, e capazes de serem lá levados, sem prejuizo para a saúde nem perigo para os alumnos. Explicou a utilidade dos aquarios e mesmo a utilidade da criação de galinhas, nos patios escolares, com todas as consequencias naturaes: tratamento das galinhas, venda de ovos, cuidado com o galinheiro, escripturação, etc., etc.

5.ª AULA

Classificação dos alumnos

A professora fez rapidas considerações sobre a classificação dos alumnos, accentuando que ella envolve alguns graves problemas que devem ser solucionados in-

O interesse, o esforço e a satisfação são as três etapas das aprendizagens. Quanto maior for o interesse, maior será o esforço, e quanto maior for o esforço, maior será a satisfação.

Ora, numa classe em que os inferiores apenas tenham material adequado, faltarão aos demais o interesse e o esforço, e consequentemente a satisfação, de que decorrem, por sua vez, a infrequência e a indisciplina.

Voltando a perguntar como classificar as creanças, foi respondido a professora que, no começo do ano, se pode fazer uma classificação muito simples: A dos matriculados antigos e a dos novos matriculados. Como classificar os novos matriculados? Um dos critérios imediatos é o do desenvolvimento físico, visto que há, entre elle e o desenvolvimento mental, certa correlação. Também se pode chegar imediatamente ao conhecimento das condições do meio social a que pertence a creança. Podem ser feitos os exames auditivo e visual, pesagem, medidas anthropometricas, etc. A professora explicou como se fazem os exames col lectivos da vista e do ouvido, por processos muito facéis e ao alcance de qualquer professor.

Posteriormente, podem as creanças ser observadas sob outros aspectos, como o mental e o social, o que permitirá distinguir perfeitamente as diferenças entre ellas, as aptidões diferentes a desenvolver, e como proporcionar ensino apropriado.

Dessa demorada observação, cuidadosa colheita de materias e de informações, que abrangerá desde a hereditariedade, a situação social dos paes, o meio em que vivem, até o desenvolvimento físico, intelectual, moral e social das creanças, os interesses especiaes das creanças, as suas actividades iniciais e proprias, o seu esforço, as suas qualidades de "leader", o dominio proprio, o seu temperamento, o

espírito de cooperação, etc., partir-se-á para o ensino das diferentes materias, dosando-o, modificando-o e adaptando-o de accordo com o conjunto de qualidades apuradas.

METHODOLOGIA DE ARITHMETICA

1.ª Aula

Iniciando o curso de methodologia de arithmetica, o prof. dr. Edgard Renault Coelho desenvolveu, em sua primeira aula, o seguinte sumario: "Como se deve ensinar arithmetica — Ideia de numero — Grandeza, definição de numero, numeração" para o que estabeleceu o seguinte:

Plano de lição

"Mostrar a necessidade de se fazer o ensino de arithmetica pelo methodo inductivo antes de se fazer applicação do methodo deductivo. Encaminhar os trabalhos da aula de modo que os alumnos apprehendam a impossibilidade de qualquer dedução antes de serem adquiridos os principios geraes a que só a indução poderá conduzir.

Dar a noção dos dois methodos por meio de exemplos diversos.

Mostrar os diversos meios applicaveis ao ensino intuitivo da arithmetica (desenhos, jogos, etc.).

A primeira noção de numero tirada da consideração de uma collecção de objectos. Ideia de grandeza, comparação de duas grandezas, unidade. Definição de numero como resultado de uma grandeza com a unidade. Dar idea de numero fraccionario, caso a discussão incida sobre esse assumpto. Mostrar de se dar a noção de numero aos alumnos de classes primarias. Escolher exemplos adequados (fazer contar as carteiras de uma fila e os alumnos que as occupam, mostrar que o mesmo grupo de signaes poderá indicar quantas são as car-

teiras, para que se lhes ensine arithmetica.

Outro exemplo também presente é a queda da agua para baixo. Não era possível, por dedução, chegar-se a essa conclusão. Entretanto, os campones, que não ouviam nunca se falar de gravidade ou da lei da queda dos corpos, servem-se da agua para as necessidades da vida e sabem que corre para baixo.

Si se applicasse apenas a dedução, fôr myster que a humanidade esperasse a vinda da Newton para chegar ao conhecimento de uma coisa tão simple.

O que acontece com o conhecimento de taes phenomenos, acontecem com a arithmetica e dahi a necessidade de se applicar a seu ensino o methodo inductivo.

Passando a applicar o methodo recommendando, começou-se a discutir qual o primeiro problema no ensino da arithmetica. A definição da grandeza, numero, unidade, como usualmente se faz? Como se dar aos alumnos a idea de grandeza e de numero?

Muitas foram as respostas das: necessidade de se avaliarem as grandezas, observação de varios objectos, etc.

O ensino, diz o professor, deve ser inductivo e intuitivo. Tem-se que pôr os sentidos em jogo, para melhor aquisição de impressões. Mas taes sentidos devem ser postos em jogo, mediante material adequado. Discutiu-se a deficiencia do material usual, como contador mechanico, tablo de Parker, etc., expedientes artificiaes que pouco interessam aos alumnos. O material a applicar deve ser feito pela propria classe.

O professor, por exemplo, mandará os meninos examinar as carteiras e contal-as.

Depois, representar as duas primeiras filas de carteiras por pontos, no quadro negro.

Porá, na primeira fila, 5 carteiras, na segunda, 3. Fara com que verifiquem a differença. E a pri-

teiras e quantos são os alumnos; introduzir gradualmente as designações dos numeros de um até nove).

Systema de representação de numeros por meio de pontos (figuras numericas de Lay):

Como decorreu a aula

A aula, porém, como sempre acontece nas aulas em que a discussão é franca e livre, encaminhou-se immediatamente para a dedução e a indução, vindo á baila exemplos diversos que illuminaram perfeitamente os assumptos.

Um dos assistentes deu como exemplo de indução a dilatação dos corpos e taes leis, como se chegou a ellas, através da observação e da generalização. Por outro lado, sabendo-se taes leis, pode-se affirmar, por dedução, que tal e tal corpo se dilata ou não pelo calor. Varios exemplos foram discutidos.

O professor deu exemplos muito claros: os homens observaram que o sol nascia de um lado e se escondia do outro e dessa observação que generalizaram em regra: -- partiram para a distribuição do tempo e della se serviram para as necessidades da vida.

Por dedução, não era possível que chegassem a tal conclusão. Só depois que se descobriu que a terra se movia e que Galileu estabeleceu o seu notavel principio, é que se ponde deduzir.

Era possível, pergunta o professor, que os homens esperassem o nascimento de Galileu para saberem que o sol nasce de um lado e se esconde em outro?

Da mesma maneira, não é necessario que se espere que os alumnos alcancem a idade propria para de-

meira noção de grandeza, mas o professor não fará com que os alunos o constatem. Poderá também fazer contar o número de alunos e compará-lo com o número de carteiras. Poderá notar que ha tantos ai menos quantas carteiras. Chegarão a uma noção de numero, sem embargo das diferenças entre carteiras e alunos.

Passou-se, depois, a discutir a diferença que ha entre o numero e o algarismo, comparando-se o numero com a palavra e o algarismo com as letras. O algarismo é signal convencional e artificial, para exprimir o numero.

A segunda aula obedeceu ao seguinte sumario: — Resumo das conclusões da aula anterior. — Os numeros de 1 a 10. Sua representação por meio de algarismos arabicos — Grandeza, unidade; definição de numero.

2.ª AULA

O plano desenvolvido foi o seguinte: A grandeza considerada sob o ponto de vista arithmetico (grandezas mensuraveis): Comparação de duas grandezas, idéa de unidade, definição do numero. Mostrar que a unidade pode variar. Considerar o numero como relação entre a grandeza e a unidade. Mostrar qual é a parte da materia cabivel no programma primario e como deve ser ella tratada. Indicar a orientação que devem ter os programas elementares.

Considerar, no ensino primario, os numeros de 1 até 10, decompondo-os em parcelas indicadas pelo sistema de Lay. Dar idéa de algarismos (empregando-se o material construido pelas alumnas da Escola Normal).

Contar de 1 até 10, em ordem inversa, subtrahir successivamente uma unidade ao numero 10, até chegar á idéa de zero. Empregar

outros artificios para fixar as noções de algarismo e de zero, principalmente.

Como decorreu a aula

Passou-se em revista a ultima aula e completou-se o plano anteriormente publicado, explicando o professor como dar idéa de numero. Frisou que o ensino da arithmetica tem de ser intuitivo, tem de partir do concreto, mas não pode reduzir-se ao concreto. É muito, é essencial, mas não é tudo: é apenas o caminho para a abstracção.

O professor apresenta a seguinte maneira de dar idéa de numero: mostra-se uma fila de carteiras e representam-se essas carteiras por pontos. Sejam, por exemplo, cinco pontos:

.....

Depois mostra-se que a cada carteira corresponde um alumnino e representa-se estes alumninos tambem por pontos.

.....

O alumnino verá que ha um menino para cada carteira. Salta-lhe á vista a idéa de numeros eguaes, de qualidades eguaes. Compreenderá que, sem embargo das diferenças entre alumninos e carteiras, o numero é o mesmo e tem a mesma representação. Não se exige que elle distinga que se trata de quantidade e de numero. Basta que apprehenda a noção, que verifique que se tratar de coisas numericamente eguaes.

Grosgrain considera uma série de chicharas, de pires e de colherinhas, pertencente a igual numero de alumninos. Sejam cinco e representemos por pontos:

..... (Chicharas)
..... (Pires)
..... (Alumninos)

Os alumninos notarão que a mesma linha representa as diversas coisas. Pergunta-se-lhes: Um sa linha não bastava para represen-

tar todos estes objectos? Apprehendem, assim a noção de numero, ainda que não saibam que se trate de numero.

Erro grosseirissimo é exigir-se-lhes definição. Pena é que nas aulas e nos compendios haja a preocupação de definir tudo, logo de começo, enchendo a cabeça dos alumninos de formulas incompreensíveis e inadequadas á mentalidade infantil.

Estudou-se, depois, como se deve dar a noção de grandeza. Passaram-se em revista algumas velhas definições, que foram criticadas e substituidas por outras, por não corresponderem á capacidade de comprehensão dos alumninos. Da critica de varias definições, e depois de saber o modo como dal-as, passou o professor a considerar a inutilidade do ensino theorico da arithmetica no curso primario, porque thal ensino, excellentemente gymnastica mental, só pôde ser exercitado e aproveitado para quem já o conhece. Quer dizer: o ensino de arithmetica, como é feito, presuppõe nos alumninos um desenvolvimento mental que elles não têm.

Quanto á noção de numero: comparem-se doze laranjas com uma e verifica-se que a grandeza dada contém a unidade laranja 12 vezes. Dahi resultará para os adultos a definição de numero, que provem da comparação da medida com a grandeza. Si se perguntar quantos pares ha na grandeza dada, encontrar-se-á 6 e a unidade será 2, e assim por deante. Conclue-se que, dada uma grandeza, pôde ella ser comparada com outra da mesma especie e que desta comparação — resulta o numero.

Tal estudo, porém, não pôde caber no primeiro nem no segundo anno. Podem os alumninos adquirir a noção, mas não definil-a nos termos da arithmetica.

Finalmente, estudou o professor o algarismo e como elles exprimem o numero. Deu exemplos concretos e provou que em qualquer parte ha material sufficiente para

ra o estudo intuitivo da arithmetica. Imaginou o seguinte processo: feitas varias caixinhas, quanto possível semelhantes, na aula de trabalhos manuaes, collocou-se dentro de cada caixinha um certo numero de objectos: favas, grãos de milho, palitos. Chamam-se 10 alumninos, com assistencia da classe e distribuem-se-lhes as caixinhas: uma contém 3, outra 7, outra nada, outra 4 objectos, etc. O professor mandará que elles os contem. Uma vez contados os objectos, focham-se as caixinhas e o professor as mistura e diz a cada alumnino: onde está a sua? etc. Os alumninos advirão na impossibilidade de as achar e, depois, o professor fará com que representem, no fundo da caixa, o numero de objectos por traços verticaes. Por exemplo, no fundo da que contiver 4: ||||.

Será facil, depois, ao alumnino achar a sua caixinha. Explicará, então, que é mais facil representar a quantidade |||| por um signal só, que é 4.

Finalmente, o professor explicou como contar e desenvolveu, com minucia, o sistema de Lay.

3.ª AULA

Summario: A numeração, estudada sob o ponto de vista theorico. Estudo resumido e comparado da numeração falada e da numeração escripta. Como se deve ensinar a numeração nas escolas primarias.

Plano da lição

Mostrar como se baseia toda a numeração em convenções previamente estabelecidas. Provocar dos assistentes as observações que mostrem a impossibilidade de se fazer esse estudo deductivo nas escolas primarias. Critica do ensino feito nas classes elementares.

Como se deve dar a primeira noção de unidade collectiva: idéa de dezena (material construido pelas alumnas da Escola Normal). Enlrepreço da representação em triangulo.

Indicar outros tipos de material.
 Ideia de centena.
 Modo de ensinar a representação das dezenas e das centenas por meio de algarismos.

Como decorreu a aula

Foi a matéria explanada do seguinte modo:
 Completou-se o que se tinha ensinado na aula anterior acerca da ideia de algarismo, explicando-se como se dar a ideia de zero.
 Tendo distribuído várias caixinhas contendo favas, grãos de milho, etc., e, entre ellas, uma que nada continha, pensa o professor que esse facto de si só não dá bem uma ideia do nada.

Aventou, por isso, o seguinte processo:
 Considere-se um numero qualquer de objectos, distribuidos assim:

...

Pode-se com um traço, decompor esse numero, tirando-lhe tres unidades:

...

Restarão 4. Si tirar 5, restarão 2 e assim por diante, até que se tirem 7 e, então, o alumno terá a ideia do nada, que se representa por 0 (zero).

Utilizem-se para esse fim, como para a ideia de numero, objectos e coisas conhecidas, como dedos da mão, partes de uma folha composta, cachos, etc., para que a ideia de numero se ligue sempre á observação material e della promane:

Outro processo:

Suponhamos 3 ou 4 pratos, que conttenham, um laranjas e bananas, outro laranjas, outro bananas e, enfim, outro coisa nenhuma. Dizer-se-á: tal prato contém 3 laranjas e 5 bananas. Tal contém 5 laranjas e zero bananas. Tal, 6 bananas e zero laranjas. Tal, nada, que se representa por zero.

Essas variações de processo e de modos de expor têm grande utilidade, porque atendem ás diferenças individuais. Um entenderá esta forma de expor, e outro, por seu lado, entenderá outra, mais facilmente.

Passando a explicar a these do dia, entrou o professor em generalidades sobre a numeração, firmando bem que ella se baseia sobre uma convenção, e que todo o seu ensino deve obedecer á orientação de se dar aos alumnos a ideia de unidades das diversas ordens, sem assignalar o principio fundamental de que se deduzem. Deve-se, primeiramente, dar a ideia de dezena e só depois disto, que se faz através de numerosos exercicios, é que se pôde dar a ideia de centena.

Qual o material apropriado? perguntou o professor. O metro, respondeu um assistente. O metro de dobrar, respondeu outro. O professor tendo achado esta ultima ideia aceitavel, accentuou que os alumnos não teriam a ideia de dezena, através do metro inteiro, porque não imaginariam concretamente, como dividida em dez partes, uma grandeza idealmente dividida.

Para obviar tal inconveniente, suggeriu os seguintes meios de se dar a ideia de dezena: os alumnos fariam, na aula de trabalhos, pequenos saccos de papel, que se pousam, fechar. Põem-se dentro de cada um, dez pequenos objectos, favas, grãos de milho, etc. E dir-se-á que cada saquinho corresponde a uma dezena. Ter-se-ão, assim, 2, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 dezenas.

Poder-se-á substituir esse material por fichas de papelão, que se podem amontoar em grupos de 10.

Depois de feitas estas experiencias, as moedas também servirão e com as seguintes vantagens: ha facilidade, dão conhecimento da moeda e, além disso, uma pilha de dez moedas de tostão pode ser substituída por uma moeda amarela

de mil réis, que representará bem a dezena.

Num terceiro gráo poder-se-á estudar a dezena e a centena, da seguinte maneira:

Faz-se um pequeno quadrado de papelão correspondendo a um centimetro quadrado. Seja mais ou menos, isto:  Far-se-á, depois, uma tira que contenha dez vezes esse quadrado, para se dar a ideia de dezena. Será, mais ou menos, assim:



Far-se-á um terceiro quadrado, contendo dez tiras, cada uma delias contendo dez quadrados de centimetro, e ter-se-á a ideia de centena.

O professor deu outro processo, mais applicavel ao ensino secundario, concluindo por afirmar que no ensino secundario se deve partir do concreto para o abstracto, tanto quanto no primario, e que nelle, mais do que em qualquer outra, predomina a memorização. Todos os theoremas são recitados e não comprehendidos.

Discutiu-se, finalmente, como enunciar os numeros. Como um assistente affirmasse que o alumno aprenderia mais facilmente 21, 22, 31, 32, por ser mais logico que onze, doze, treze, etc., travou-se grande debate, que concluiu por se convencerem todos de que se deve ensinar na ordem natural, isto é, onze, doze, treze, etc., primeiro do que 21, 22, 23, etc.

4.ª AULA

Summario: Estudo da addição e da subtração, como operações inversas, isto é, uma de *composição* e outra de *decomposição*. Como devem ser ensinadas nas classes primarias as primeiras noções de *soma*, *resto* e *diferença*.

Plano da lição

Proceder gradualmente e na seguinte ordem:

1) Preliminarmente, fazer com que os alumnos se exercitem na decomposição e na recomposição dos numeros de um a cinco, de cinco a sete, e, depois até dez, empregando-se o material indicado por "Lectures" e os tópicos actuelles de l'enseignement primaire e as figuras numericas de Lay.

2.ª) Dar a ideia de somma como resultado da reunião de duas quantidades em uma só. Exemplificar com dois montes de areia ou de pedrinhas que se juntem para formar um só. Separar em duas partes um todo e reunir-as em seguida para se construir o todo.

3.ª) Mostrar a distincção que se deve fazer entre *resto* e *diferença*.

4.ª) Fazer com que os alumnos se exercitem nas duas operações, somando e subtraindo oralmente e com o auxilio do material indicado. Não fazer calculos escritos do. Não depois que gradualmente se tenha constituido a taboa de addição. Insistir sobre a necessidade de ser conservada de memoria essa taboa e indicar os jogos e o material que possa ser reservado para esse fim.

As noções de augmento e de diminuição de uma quantidade apparecem simultaneamente na creança. E', pois, natural que sejam ao mesmo tempo ensinadas as primeiras ideias de addição e de subtração, em vez de se separarem os dois estudos, como ainda se faz em muitas escolas.

A creança, na idade em que começa o estudo primario, já traz boas noções, que precisam ser aproveitadas e desenvolvidas.

Será um grave erro começar-se o ensino pelo calculo escripto, que não é senão a tradução da operação mental, por meio de symbolos que as creanças não podem comprehender.

Assim, necessario se torna que o professor faça, como trabalho preliminar, exercicios com os numeros de um a cinco, de cinco a sete e, depois até dez e até dezoito. A

razão desse limite "18" é ser esse numero a somma das duas maiores parcelas de um só algarismo. Esses exercicios podem ser feitos com o emprego do material Duvillard e com as figuras numericas de Lay.

Os alumnos comprehendirão facilmente que o numero cinco, por exemplo, pode ser a reunião de quatro mais um ou de dois mais tres.

O professor deverá fazer com que seja verificada pelos alumnos a impossibilidade de outro modo de decomposição. Essa recomposição far-se-á mais concretamente, com um monte de 8 pedras, tirando de um monte de 8 pedras, tirando-se tres, ter-se-ão dois grupos, ficando cinco de um lado e tres de outro. E' este o caso da subtração. Posteriormente, o monte será recomposto, e nesta hypothese haverá addição. Outro material ao alcance de todas as classes é a propria classe, sendo facil compor e recompor a vontade o numero, de alumnos, de carteiras, de objectos escolares diversos.

Depois desses exercicios preliminares, que deverão ser feitos sob a forma de jogos (material Duvillard) acompanhados da representação no quadro pelas figuras de Lay, o professor introduzirá pouco a pouco os exercicios com os numeros até 7, até 10 e até 18, sem usar qualquer representação por meio de algarismos.

A idéa de resto deve então ser dada como o resultado da decomposição de uma quantidade em duas partes, das quaes uma foi retirada, restando a outra. Não se tratará, desde logo, da idéa de differença, que nasce da comparação de duas quantidades, é mais complexa para as creanças.

Esta ultima noção deverá habilmente ser reduzida à primeira, empregando-se o material já usado ou fazendo-se a comparação de duas pilhas de moedas ou de fichas, de tal modo que os alumnos verifiquem o que falta a uma para

igualar a outra, e que, neste caso como no primeiro, a operação é sempre subtração. Esse trabalho gradual que os alumnos terão de fazer sob a direcção habil do professor reduzirá facilmente aos seguintes resultados:

1.º) Nascerá naturalmente a idéa de que a somma e a subtração são duas operações inversas: o que, na primeira se faz, na segunda se desfaz;

2.º) A possibilidade de ser invertida a ordem das parcelas será apprehendida pelos alumnos sem que o professor a mencione expressamente.

Essa noção provirá da operação com o material de Duvillard, que abaixo se explica: distribuem-se cartões em que se desenham ou se pregam recortes de vasos de flores. As creanças collocarão sobre esses vasos, que são pintados de cores diferentes, pequenas flores de cartão ou de panno, que podem ser descolocadas de uns para outros vasos, o que torna materialmente sensíveis as operações de somma e subtração. Assim, mudando-se collocar sobre o terceiro vaso, que nada tem, as flores do primeiro e do segundo, veráõ que é indifferente collocar primeiro as de um ou outro.

3.º) As creanças das escolas primarias comprehenderão que uma quantidade pôde ser sommada a outra parceladamente, e que, em uma somma, podem ser duas ou mais parcelas substituidas pela sua somma effectuada.

Assim, esses principios, que costumam ser apresentados nos cursos secundarios sob a forma complicada de *theoremas*, são desde logo assimilados pelas creanças, sem que haja mesmo necessidade de enuncial-os.

5.ª AULA

Summario: Taboa de addição — A addição escripta: a subtração escripta — Estudo paralelo das duas operações.

Plano da lição

1.º) Necessidade de se conservar de memória a somma de dois numeros de um só algarismo, em todas as combinações possíveis. Fazer ver como se pode suavizar o trabalho fastidioso de mera repetição, fazendo-se com os exemplos concretos despertem o interesse dos alumnos. Dar sempre a motivação dos calculos que temham de ser effectuados e fazer com que os alumnos se exercitem por meio de jogos que não os fatiguem. Empregar para esse fim material já usado na ultima aula.

2.º) Mostrar como, depois de formado o habito de sommar e subtrahir oralmente os numeros inteiros dentro dos limites indicados, se deve proceder para dar ás creanças as primeiras noções do calculo escripto. Começar pela apresentação das dezenas, isto é, pela representação dos numeros de dois algarismos.

Esse trabalho pode ser feito da seguinte maneira: Mostra-se aos alumnos que, quando se sommam 7 unidades ao numero 8, o resultado excede de uma dezena; faz-se com que os alumnos contem, com o auxilio de objectos concretos, o numero resultante da operação e, separados 10 dos objectos contados, restarão 5. O professor deverá então encaminhar os trabalhos de modo que se represente a dezena pelo algarismo 1 e as unidades pelo algarismo 5. Esses algarismos, a principio separados, serão depois escriptos de modo a formarem o numero 15; será facil, depois disso, fazer-se comprehender que o primeiro algarismo á esquerda representa sempre dezenas, e o segundo, unidades. Não haverá necessidade de processo analógico para se utilizar de processo analógico, quando se tiver de representar um numero em que haja centenas.

3.º) Sabendo escrever os numeros até 99, os alumnos poderão sommar e subtrahir quantidades concretas (passaros, pintos, bolas,

canetas, etc). Os exemplos serão sempre escolhidos dentre os que possam interessar ás creanças: será vantajoso tirar-se da conversação com os alumnos em aula o assumpto dos pequenos problemas que elles hão de resolver com mais satisfação, porque lhes interessam.

4.º) Os exercicios devem ser cuidadosamente graduados e poderão obedecer á ordem seguinte:

8

— — — — —
— — — — —
— — — — —
— — — — —
— — — — —

Em cada um desses exemplos, a partir do segundo, a dificuldade vai augmentando. O natural embaraço que as *reservas* offerecerão ás creanças será resolvido com o auxilio do material já empregado (jogos Duvillard, saquinhos de fava, etc.). Deve-se ter o maximo cuidado em mostrar que as unidades de diversas ordens devem ser consideradas como somnadas separadamente, isto é, *unidades com unidades e dezenas com dezenas*.

5.º) Todas as composições por meio da somma devem ser seguidas de verificação por meio da subtração, estudando-se assim as duas operações parallelamente.

LINGUA PORTUGUEZA

1.ª AULA

O professor Firmino Costa fez a seguinte exposição:

Convidado para dar aos assistentes technicos uma série de aulas sobre a lingua patria, organizei o respectivo plano sob dois aspectos: como se estuda a lingua; como se ensina a lingua.

Inclui na primeira parte os seguintes pontos: a verdadeira base do estudo da lingua; a syntaxe sob novo aspecto; a analyse lexica, lo-

gica e interpretativa; valor da leitura metódica; o estudo do vocabulário; a questão orthographica; como resolver os casos controversos; particularidades syntaticas.

A segunda parte ficou constituida destes pontos: a aula da escola activa; o grupo da lingua passiva; como iniciar o ensino da lingua; a pratica da lingua no curso primario; o ensino do vocabulário; a orthographia e o dictado; os exercicios de redacção; a frequencia da bibliotheca. Apresentarei nas subsequentes linhas o resumo da primeira aula.

Palavras preliminares

Quando eu era estudante da lingua portugueza, tive um professor competente e solícito, auctor de uma optima grammatica. Nem por isso eu me contentava com a sua orientação didactica, sentindo que havia qualquer coisa de inconsistente nos pontos basilares de seu ensino.

Mais tarde, tornando-me professor de portuguez, continuei insatisfeito com a orientação, que podia imprimir ao ensino da lingua. Consluí varios compendios de methodologia, mas, sem attinar no que faltava, permaneci nas minhas duvidas.

Só ulteriormente consegui solucionar as duvidas e dahi surgiu a idea de compor uma grammatica baseada em o novo principio. Era este o sentido das expressões como verdadeira base do estudo da lingua.

Novo ponto de partida

Bem sabemos que o nosso pensamento tem *ideias* e sabe combiná-las para formar o *juizo*. Das expressões deste e daquellas occupa-se a grammatica.

Observemos a *proposição* ou *sentença*, que assim se denomina a expressão do juizo: "Elle é um homem talentoso". Podemos exprimir igual juizo em duas outras sentenças: "Elle é um homem de

talento: elle é um homem que tem talento". A mesma idea encontra-se ali enunciada de tres modos: *talentoso, de talento, que tem talento*. Donde se conclue, naturalmente, que as ideas são representadas por *palavras, locuções e clausulas*.

Consequencias

A primeira consequencia, que advem do novo principio, é attinentemente a classificação das expressões, ás categorias grammaticaes. O pronome passa a pertencer a classe dos substantivos, porque, como estes, serve para designar os seres. Um eminente grammatico, Eduardo Pereira, já o denominou *substantivo pronominal*.

A proposição e a conjuncção, por serem analogas quanto ao sentido, destinando-se ambas a relacionar as expressões, incluem-se em uma só categoria, a dos *connectivos*, termo este já empregado para indicar as funções das mesmas.

A interjecção tem forma de palavra, mas, porque exprime um juizo, sem mudar de nome, será tratada na syntaxe como proposição synthetica ou elliptica, conforme o caso.

Para dar nome a uma palavra formada de dois ou mais termos cujas significações se conservam distinctas, por exemplo, *aquelle*, considera-se a *contração* como categoria vocabular.

São, portanto, seis as categorias grammaticaes: substantivo, adjectivo, verbo, adverbio, connectivo, contração, sendo esta apenas uma combinação de palavras.

Duas familias de palavras, podemos dizer: o substantivo e o adjectivo; o verbo e o adverbio; relacionadas entre si pelos connectivos.

A clausula

Outra consequencia da nova orientação, que se baseia no sentido, é collocar a clausula em seu lugar proprio. Ella tem a forma proprie-

cipio presente. 5. Connectivo — Locução connectiva. 6. Contração.

2.ª AULA

O ponto da segunda aula subordinou-se ao titulo "A syntaxe sob novo aspecto".

O professor começou por dizer que a syntaxe é o estudo da proposição. Assim como as expressões da idea se combinam para formar proposições, assim também estas se associam para exprimir os nossos pensamentos.

Leiamos os seguintes versos de Camões:

"Quem morre, não morreu, partiu
[primeiro,
]na vida".

Estes belos decasyllabos formam uma proposição composta de tres proposições, mas neste caso melhor diremos: formam um periodo composto de tres proposições. O tercio de tres proposições. A verdadeira construção syntactica, sendo como que a unidade da linguagem. Mais precisamente definiremos, pois, a syntaxe como sendo o estudo do periodo.

Compor periodos ou decompor periodos, para bem comprehendê-los e estudá-los, taes os fins da syntaxe. Ao primeiro trabalho dá-se o nome de *composição*, e ao segundo, o de *analyse*. Aquella considera os periodos no seu todo, e esta os considera em seus elementos.

Divide-se a syntaxe em duas partes: composição e analyse.

Trataremos, nesta aula, da composição.

Esquecimento imperdoavel

Depois de realizado o concurso de Galveston, teria havido uma festa pomposa, a que compareceram muitas "misses" representantes da beleza femil de seus paizes. Entretanto, notou-se a ausencia de "Miss Universo", a qual, por um esque-

sional, mas, não é proposição, porque designa uma idea, e não exprime um juizo. Equivale a uma palavra, segundo já se viu.

No entanto, quanto à forma, a clausula poderá ser analysada, como si fora proposição, sem jamais confundir-se com esta.

Os grammaticos, em geral, consideram a clausula como proposição subordinada, e affirmam que a proposição encerra dois termos: o sujeito e o predicado. Ora, a clausula pode servir de sujeito, e si ao mesmo tempo ella é proposição, pouco importa que seja subordinada, segue-se que o sujeito equivale á proposição, tanto vale dizer, a parte igual ao todo.

Afirmam os grammaticos que a clausula substantiva equivale a um substantivo, e que o predicado é expresso pelo verbo. Neste caso, classificar aquella clausula como proposição é torná-la também equivalente ao verbo.

Tudo isso póe em evidencia a confusão do sentido das expressões com a sua forma vocabular. E' querer que "o habito faça o monge", contrariamente ao que diz a sabedoria popular...

Expressões das ideas

As expressões das ideas representam os materiaes, de que nos servimos para construir as proposições. E' de toda a conveniencia, no estudo da lingua, conhecer os referidos materiaes, que vamos enumerar no quadro seguinte:

Taxionomia

Equivalentes:

1. Substantivo — Locução substantiva, clausula substantiva, expressão substantivavel, presente do infinito. 2. Adjectivo — Locução adjectiva, clausula adjectiva, expressão adjectivada, participio, apposito. 3. Verbo — Locução verbal, tempo composto. 4. Adverbio — Locução adverbial, clausula adverbial, expressão adverbial, participio.

cimento improrrogavel, não teria sido do convívio.

Também, nos domínios da philologia, se tem festejado o apparecimento de muitas grammaticas, que tratam bem dos factos da linguagum mas entre ellas não se encontra a "Miss Universo" do pensamento, a depositaria de saber humano, aquella que consiste as bibliothecas, e as livrarias, aquella que, na linguagem didactica, se denomina *composição*.

E' uma ingenua phantasia a que acabo de referir, mas nem por isso grammaticas não dão ingresso, em suas paginas, á compozição que, no entanto, representa, ao mesmo tempo, o meio e o fim principal dos estudos grammaticos.

A composição é a pratica da lingua, poderão dizer, e por isso não pertence á grammatica. Mas, a que vem tal argumento, si pratica e theoria são duas faces do mesmo assumpto, ambas igualmente necessarias ao estudo do idioma?

O notavel lexicographo Antonio de Moraes Silva assim define: "A grammatica é arte, que ensina a declarar bem os nossos pensamentos, por meio de palavras". Os grammaticos, em geral, acceitam essa definição.

Ora, que é a composição senão o meio proprio de declarar bem os nossos pensamentos? Não tem havido realmente, da parte dos grammaticos, um esquecimento imperdoavel com referencia á composição?

A leitura

A composição deve abranger, não só os exercicios didacticos feitos pelos alumnos, mas também as composições pertencentes aos bons escriptores vernaculistas.

Dahi, a inclusão da leitura methodica no estudo da lingua, a frequencia regular da bibliotheca como meio pratico de conhecer aquellas composições, o que virá desenvolver a capacidade de ex-

pressão dos alumnos, proporcionando-lhes cultura intellectual, enriquecendo-lhes o vocabulario e despertando-lhes o bom gosto literario.

O eminente philologo Carneiro Ribeiro assim se expressa nos "Se-rões Grammaticos": Grammatica portugueza é a disciplina ou arte de ler, falar e escrever correctamente a lingua portugueza.

Resalta dessa definição que a leitura faz parte integrante da grammatica, cumprindo a esta organizar a do modo mais proveitoso possível.

A composição

A composição comprehende duas partes: a elocução e a redacção.

Os exercicios de elocução têm grande importancia no estudo da lingua, e devem ser cultivados com a maxima solicitude. As oportunidades, que se offercem para esse fim, são frequentissimas. Basta lembrar-se da conversação. Ella é de uma summa relevancia em a vossa carreira de assistentes technicos.

Tendes constantemente de conversar com os professores, com os alumnos, com os paes de familia, com as autoridades locais, e do modo por que o fizerdes depende em grande parte a vossa acção benéfica em prol do trabalho educativo. E' necessario que em vossa conversação transpareça sempre a mais decidida sympathia pela nobre causa, da qual vos fizestes servidores. Vossa fé no poder da educação ha de ser inquebrantavel e serena. A conversação será o espelho dessa fé e dessa sympathia.

Levantae com ella o vosso trabalho, sem jamais deixardes de acatar os sentimentos intimos de vossos interlocutores. Tornaes com ella a vossa presença desejada na escola. Esta noticia "chegou o inspector" deve ser alícuireira, como a visita de uma pessoa querida. Procuraes ver primeiramente o lado bom da escola, as qualidades lou-

ção, como então lhe chamavam. "Tão grande já era nesse tempo o apreço consagrado á redacção em Portugal, que a consideravam como a propria lingua vernacula.

Passado o periodo primario dos exercicios de redacção, disse eu em minha grammatica, já nos é possível organizar esse ensino sob novos moldes, de accordo com a seguinte serie ascendente, que não exige ser entendida em todo o rigor de sua disposição:

1. Observar para descrever;
2. Ouvir para reproduzir.
3. Informar-se para noticiar.
4. Lembrar-se para narrar.
5. Relacionar-se para cartear-se.
6. Conversar para dialogar.
7. Ler para apreciar.
8. Ler para resumir.
9. Estudar para dissertar.
10. Imaginar para produzir.

Escrevendo relatorios e outros documentos officiaes, tereis muitas occasioes de revelar vossa habilidade de redigir, mas, a meu juizo, não haveis de cingir-vos tão somente a esses escriptos.

Collocados em um vasto campo de observações, colhei tudo que for útil ás nossas escolas, e reparti vossa colheita por este e por outros Estados do Brasil. Ha um meio pratico para esse fim: a "Revista do Ensino". Tornaes-vos collaboradores della, que é o orgão da instrução de Minas perante o Brasil, pode-se dizer.

Novo aspecto

Não tereis sabido tratar a syn-taxa sob novo aspecto, conforme o titulo que dei á presente aula? Reputando o sentido como a verdadeira base do estudo da lingua, necessariamente haveria de incluir a composição e a leitura como partes integrantes da syntaxe.

Mas também vos indiquei uma pratica profissional attinente á composição: adaptardes a vossa

vaveis do professor, que sempre as possui, e com o necessario tacto, proprio do educador, apontae em vossa conversa aquellas fallos, que reclamam melhorias ou correções. Bem vedes quanto é valiosa esta parte da elocução em vossa carreira. Ha, porém, outra parte de não menor vulto, e talvez que mais difficil. Refiro-me á oratoria.

Importa que vos torneis oradores, si ainda não o sois. Com esse termo não quero dizer "artistas da palavra", inflamados daquella eloquencia antiga, cheia de tropos e de arroubos. Nada disso. Oradores, sim, para pregar ao povo a instrução, em linguagem singela, clara, serena, correcta e persuasiva, exemplificando tanto quanto preciso, indicando novas directrizes, suggerindo meios acortados de effectivar a collaboração entre a escola e a familia, referindo-se com amor aos pequeninos, como dignos mantenedores, que devem vir a ser, das honrosas tradições de nosso povo.

Haveis de cultivar a oratoria para serdes conferencistas da instrução, revivendo aquelles dias quentes da campanha abolicionista, tão radiantes de enthusiasmo e de coragem... Não menos bella será, certamente, esta nova abolição da ignorancia popular, para a grandeza civilizadora de nossa patria.

A redacção

Saber redigir com facilidade, clareza e correção, é um dos principaes objectivos, a que se propoe o estudo da lingua patria. Além do mais, os exercicios de redacção, methodicos e frequentes, como devem ser, desenvolvem o nosso entendimento, alargam o nosso poder de observação, incentivam o nosso desejo de alcançar novos conhecimentos.

Em seu livro "Os meus serões", conta-nos Candido de Figueiredo: "Feito o meu exame de instrução primaria, seguiu-se, segundo a organização escolar daquelle tempo, o exame de portuguez, ou de redac-

conversação ao trabalho educativo; serdes conferencistas da instrução; fazer-vos colaboradores da "Revista do Ensino".

São tentadoras essas perspectivas que se vos abrem: não as deixais passar como passam os sonhos, mas transformae-as em bel-las realizações.

3.ª AULA

O professor apresentou, em sua terceira aula, a divisão geral da syntaxe sob um novo aspecto:

1. Composição: elocução e redacção, completadas pela leitura methodica.

2. Analyse: lexica, referenda ás expressões da idéa; logica, relativa ao periodo, que pôde ser simples ou composto; interpretativa, concernente ao texto. — Elementos do periodo: sujeito e predicado, com os seus modificadores, que são os adjunctos substantivo, adjectivo, adverbial e predicativo. — Relações entre esses elementos designados pelos nomes de concordância, ordem e regencia. — Construções especiaes: interjeição; proposições interferente, elliptica e synthetica. — Indicações orientadoras da analyse interpretativa do texto: o genero de composição, o tempo, o local, o ambiente natural e social, os personagens, a actuação, os intuitos, as casualidades, as consequências, as obices, as interferencias, os lances principaes, etc.

Inovações

As inovações apresentadas no quadro anterior, são as seguintes:

1. Divisão da syntaxe em composição e analyse;
2. Inclusão da leitura methodica.
3. Collocação da clausula na analyse lexica;
4. Suppressão do periodo complexo;
5. Uniformidade na technologia.
6. A interjeição collocada na analyse logica;

tantes exercicios para orientar os professores de portuguez em processo de ensino tão proveitoso.

Já conhecedores da referida analyse pela prova de portuguez, que realizastes no ultimo concurso, poderdes facilmente cultivar tão proveitosos exercicios.

As inovações introduzidas tinham o ensino da lingua mais racional, mais facil e mais completo, porque ellas se baseiam na propria razão de ser das expressões, isto é, no seu sentido; offerecem um critério seguro, para elucidar as questões, além de que uniformizam a technologia grammatical: estabelecem a analyse interpretativa do texto, que é talvez a melhor gymnastica intellectual.

O sentido

Adoptando-se o sentido das expressões como a pedra angular do estudo da lingua, elle será o verdadeiro conceito da grammatica, capaz de extirpar alguns preconceitos, que ainda subsistem na analyse de certos factos da lingua-gem.

Dada a expressão *chove*, por exemplo, ver-se-á desde logo que é uma proposição synthetica, por estar numa só palavra enunciado um juizo. Como descobrir dentro della o sujeito e o predicado? Desentranhando-se, pelo sentido, na proposição equivalente *cae chuva*, onde elles se acham expressos, tal qual a analyse chimica faz com a agua, apparentemente corpo simples, cujos elementos ella dissocia, provando ser um corpo composto.

Na proposição "faz dois dias que elle chegou", sobre cuja analyse ha divergencias, o sentido põe de manifesto o predicado "faz dois dias" e o sujeito "que elle chegou". Converte-se a clausula na palavra correspondente, a proposição ficará sendo "a chegada delle faz dois dias", sobre cuja analyse não ha discordancia.

Quanto analysarmos o periodo, não mais nos preoccuparemos com

a regencia das expressões, uma vez que a forma fica subordinada ao sentido.

O característico do adjuncto substantivo directo, deixae-me clidar a minha grammatica, é exprimir o paciente, o recebedor da acção verbal, mero questão de forma a regencia desta ou daquella preposição. Si no exemplo "elle puxou a espada", considerase objecto directo a *espada*, por que nestas posições "elle puxou da espada" e "elle puxou pela espada" não ha de ser objectos directos da *espada* e *pela espada*? O verbo *gostar*, synonymo do verbo *amar*, é preferido a este no Brasil. Nos exemplos "elle ama Julieta" e "elle gosta de Julieta", porque a mesma Julieta, recebendo o mesmo amor, ha de ser objecto directo ou indirecto?

A methodologia tem actualmente bases scientificas, e como sciencia, antes de imprimir orientação ao ensino da lingua, deve averiguar si o estudo da lingua está fundado em bases solidas. É' excusado dizer que do estudo da lingua depende o ensino da lingua. Quem o receber methodizado, mais efficientemente conseguirá transmittir o methodizado.

Factos syntacticos

Nas relações existentes entre os elementos do periodo, observam-se diversos casos, chamados *factos syntacticos*, os quaes se differenciam pelos nomes de concordancia, ordem e regencia.

Dá-se a concordancia entre o verbo e o sujeito, entre o adjectivo e o substantivo, entre o adjuncto predicativo e o termo a que elle se refere. Ainda que em resumo, não é' possível apresentar nesta hora as regras da concordancia.

Em meu compendio, colligi mais de setenta casos especiaes de concordancia, além dos respeitantes á locução *um e outro*, que offerece os casos mais variados.

Como referencia ao sujeito coordenado pelo connectivo *nem*, quero mostrar-vos uma construcção interessante, não consignada na minha grammatica e que é da lavra de Ruy Barbosa, em "Queda do Imperio": "E, sem que nem eu nem meus, deixasse vislumbra-rem indícios de resentimento, sem que nem eu, nem qualquer dos meus, mudassemos de linguagem a respeito do imperador..."

Ainda vos apresentarei um caso especial de concordancia, não incluido na grammatica. — O Dicionario de Aulete dá esta phrase: "Vender caro ou cara a vida". Os exemplos dos grandes mestres da lingua confirmam a referida phrase: "A pertinacia aqui lhe custa cara", Lusitadas, 104. — "Vende caros seus gostos falsos", Bernardes, Floresta, v. 162. — "Esse punhado de portuguezes derramados pelas tres partes do mundo, vendiam bem caro as conquistas", Herculano, Composições varias, 88. — "A ironia custou-lhe caro", Ruy Barbosa, Queda do Imperio, I, 178.

A ordem ou collocação, que é *directa, inversa* ou *transposta*, sem ser inteiramente arbitraria, dispõe de ampla liberdade, dentro dos limites traçados pela clareza e pela harmonia, que a linguagem deve possuir.

Quanto á ordem, a questão mais debatida pelos grammaticos refere-se á collocação dos pronomes obliquos. Elles até empregam uma expressão especial para esse fim, — topologia pronominal.

A euphonia é que preside á collocação dos pronomes, mas sobre este ponto os compendios já trazem as regras principaes. L' de notar que ellas são geralmente seguidas na linguagem escripta dos bons auctores, não succedendo o mesmo na linguagem falada.

Entre os factos syntacticos, parece-me ser a regencia o mais difficil e o que tem sido menos estudado.

A regencia do verbo offerece algumas difficuldades. Sem explicação plausivel, ella costuma variar, como nestes casos:—Respetal-o e obedecer-lhe; absolvel-o e perdoar-lhe; contental-o e agradar-lhe; presenciar o espectáculo e assistir ao espectáculo; deferir o requerimento e deferir aos seus desejos, cumprir a obrigação e cumprir com a obrigação; presidir ao espectáculo, ou conlo e presidir ao espectáculo, ou conforme Diogo de Paiva, "Venus prefere os amores". Em a "Nova Floresta, de Bernardes, encontram-se as duas construcções: "Pedia netamente a Deus que a ajudasse a ganhar"—"Foi a que lhe ajudou a negociar o beneficio de cahir no peccado". A's vezes, a regencia faz mudar o sentido, segundo o exemplo de Castilho, em "Felicidade de pela agricultura": "Só um povo que lhe quer, e a quer, e a serve com desganhada preferencia, só esse é rico".

Prestaria grandissimo serviço ao estudo da lingua quem publicasse um bom dicionario de verbos com as suas varias regencias, abonadas por escriptores puristas.

4.ª AULA

Disse um professor:

Tive um amigo muito estudioso e muito occupado, a quem, no entanto não faltava nunca um poquinho de tempo para cuidar do jardim. Eu desejaria que aos professores e aos demais auxiliares do ensino sempre sobrasse tempo para tratar do estudo, revelando por este a mesma predilecção que aquelle mostrava pelas flores.

Que é que está lendo agora? pergunta-se ao professor, e elle, ás vezes, responde que não dispõe de tempo para ler.

O motivo está em que, somente agora, se quer introduzir na escola o verdadeiro ensino da littera, não me referindo nesta hora a qualquer methodo de ensinar a ler. O verdadeiro ensino da leitura consiste, antes de tudo, em habitar o

creadas pelo vassa carreira de educadores.

A bibliotheca

A frequencia da bibliotheca tem direito a ser promovida á altura de disciplina escolar. Na escola primaria, a bibliotheca deve figurar como material didactico tão indispensavel quanto o quadro negro. Em cada uma das salas de aula, ha começar nas do primeiro anno, haverá uma estante de livros apropriados á leitura das creanças. Quando estas ainda não souberem ler a professora mostrar-lhes-á o livro e contar-lhes uma historia delle, a effeito de despertar-lhes o interesse pela leitura.

Logo que puderem ler, os alumnos todos terão tempo disponivel para a frequencia da pequenina bibliotheca. As obras escolhidas serão naturalmente proprias para as creanças, que trocarão entre si e com a professora impressões recebidas pela leitura.

O livro, interessante, engraçado ou bonito, irá aos poucos entrando na vida da escola, como um companheiro intelligente dos alumnos, como um mestre experimentado, como um factor de elevação social. Os alumnos aprenderão a ver nelle um objecto querido, util e respeitavel. E' um escriptorio, que contém joias preciosas, nada menos do que os pensamentos de intelligencias privilegiadas.

Releva fazer a propaganda da leitura, o amor á leitura, o habito de ler, para transformar a escola em uma sementeira de idéas, em uma germinação de idéas, em uma florescência de idealizações. Não faz mal exagerar este ponto, que é o novo ponto de partida para valorizar a escola. Entrando-se plenamente no regimen da leitura, a porta da instrucção não mais se fechará durante a vida inteira.

A leitura methodica é escola permanente, alimentação do espirito, elevação do nivel social, emancipação da intelligencia, formadora da auto-educação. "A vida inteira, diz

alumno á leitura methodica, desde o curso primario. Não se ensina a ler apenas para aprender a leitura, mas para servir-se della como meio de desenvolver a intelligencia e de solucionar os casos da vida.

De outro modo, a pessoa terá adquirido um instrumento, cuja posse de todo não corresponde, nem aos esforços despendidos, nem aos fins collimados. Será como a outra, que supõe estar no respectivo exame toda a gymnastica aprendida, ficando isenta, para sempre, de qualquer exercicio gymnastico.

O maior mal do ensino reside no descaço pelo estudo. E' urgente que o professor se redique nesse sentido, concentrando para tal objectivo todos os seus esforços. Nesta grande renovação que surge, tão promissora e tão vehementemente, faz-se do trabalho educativo como que um serviço de guerra, uma avançada destemerosa para conquistar as trincheiras da ignorancia.

Mas, antes de procurar conhecer o preparo do professor, cumpre ao assistente tecnico preparar-se a si proprio. "Tu, que vou jogar o traballho da escola, terás realmente capacidade para isso"? Tal a pergunta, que cada um de vós ha de fazer a si mesmo. Somente pelo estudo alcançareis essa capacidade, que não está apenas no saber, mas também em outras qualidades educativas.

Alludindo a estas qualidades, vem-me espontaneamente á lembrança indicar-vos desde já as obras de Charles Wagner, entre as quaes considero principal esse livro digno de ser comprehendido por todos e que se chama "A Vida Simples". Ahi encontrareis uma bellissima concepção da vida, que é, ao mesmo tempo, a mais singelita e a mais elevada possível. Acrescento que a leitura attenta dessa obra primorosa será capaz de dar ao vosso espirito a necessaria flexibilidade intellectual para comprehendêr e julgar as situações

Jorge Kerschenshtein, é ou um processo de auto-educação constante ou uma vida meramente animal, uma vida de luta pela simples existência".

Leitura methodica

No curso primário, a leitura ha de ser recreativa, como que uma nova forma dos jogos infantis. As crianças terão de encontrar nella a sua actividade, a sua alegria, as expansões de sua vida. E' o primeiro alimento intellectual que se lhes offerece, para ser assimilado pela sua intelligencia em formação. Ellas mesmas deverão escolher as suas leituras na bibliotheca, que terá sido organizada por conhecedores da materia. Ellas poderão levar os livros consigo, a fim de lê-los em casa para seus paes, para a sua familia.

Progressivo que será, já na escola normal, o plano da leitura subordinar-se-á aos tres cursos alli constituidos. O primeiro anno poderá começar, a meu juizo, pelo typo das obras de Julio Verne, in-do até o "Guarany". de José de Alencar; o segundo anno alcançará Machado de Assis, em algumas de suas obras mais singelas, através de livros, como "Samurais e Mandarins", de Luiz Guimarães, "Os meus amores", de Trindade Coelho, e "O Atheneu", de Raul Pompeia.

No curso preparatorio, a leitura irá tomando o caracter de estudo, a começar em uma obra, qual "A Hollanda", de Ramalho Ortigão, indo ter, na entrada do segundo anno, a um compendio, qual o de Rocha Pombo, "Historia do Brasil", curso superior, e através de compendios, inclusive grammaticas e anthologias, attingir no terceiro anno ao estudo de livros, como "As Maravilhas Celestes", de Flammarion, e na ordem litteraria, sendo possível, até os "Lusiadas", de Camões.

Durante o curso de applicação, a leitura na bibliotheca será exclusivamente pedagogica, tendo por

objectivo a formação profissional. As consultas aos dictionarios e ás encyclopedias tornar-se-ão frequentes para elucidar este ou aquelle ponto, para resolver esta ou aquella questão.

A bibliotheca da escola normal, está claro, formar-se-a dentro do plano, que a congregação terá organizado. Assim sendo, as indicações por mim lembradas, não passam de ser meios para ventilar o assumpto, que julgo de summa relevancia.

Professor de bibliotheca

Formam-se communmente neologismos com elementos gregos ou latinos, como *aeropostol*, que é o correio aereo, o *motivone* e o *vitaphone*, que sãoapparelhos do cinema sonoro. O neologismo, que vou propor, é muito differente desses pela sua simplicidade, nada menos do que este: *professor de bibliotheca*, á semelhança de professor de portuguez, ou de geometria. O termo *bibliothecario* não exprime bem a minha idea. "Novas cousas novos nomes requerem", disse Felinto Elysis.

O professor de bibliotheca será um professor de não cheia, foi esta a expressão, que primeiro me sahiu da penna. Sim, a mão desse professor estará cheia de indicações para os alumnos. Ella terá de apontar-lhes o de que precisam, elle haverá de apresentar-lhes os pontos que não puderem encontrar.

Para esses fim, o professor de bibliotheca conhecerá os livros, como o commerciante conhece as mercadorias. A sua cultura geral ha de ser uma realidade, porque, de outra forma, elle deixará de ser alli dentro da bibliotheca o habilitissimo cicerone, a quem cabe guiar os pequenos viajantes, que são os alumnos, nos esplendidos caminhos do pensamento humano, que são os livros.

Outra analogia parece-me existir entre o mencionado professor e o commerciante. E' que na bibliotheca

theca se faz o intercambio intellectual, assim como no commercio tambem se faz intercambio. Aquelle professor precisa de entreter relações com os livreiros, tal qual o commercio com os fornecedores. Cumpre ao mesmo professor saber escripturação para garantir, sob todas as formas, os valores da bibliotheca, não menos que o commerciante para poder salvaguardar seus capitães e seus lucros.

Ensine o professor uma nova escripturação, exercitando os alumnos da bibliotheca em extrahir notas de leitura e distribui-las por diversos contos, que neste caso equivalam aos varios assumptos apresentados. Destarte, os proventos do ensino ficarão dispostos de maneira a serem utilizados facil e convenientemente, sem perda de tempo e com economia de trabalho.

Quanto á ordem que a bibliotheca reclama, e em relação a disciplina dos alumnos, isso e' tudo mais necessario repousa nos principios da escola activa, bem como succede a qualquer outra aula.

O ponto capital está na criação do cargo de professor de bibliotheca, concepção que muito se distanciou do actual emprego de bibliothecario. A bibliotheca escolar apresenta a transição, que a vida social impõe, da didactica para a auto-didactica. O professor de bibliotheca tornará os alumnos amigos dos livros, convertel-os-á em professores de si mesmos, dar-lhes-á a emancipação intellectual. Diplomados que sejam, os alumnos levarão consigo a escola, representada na bibliotheca, e alcançarão a posse da verdadeira vida, que, na phrase de Flaubert, é uma educação permanente.

Vossa bibliotheca

Possuis, com toda a certeza, uma bibliotheca, que aos poucos irás augmentando e melhorando. Ainda que ella presentemente seja pequena, deves reservar, pelo menos, uma prateleira para os livros concernentes ao estudo da lingua.

Que livros adquirireis, de preferencia, para essa secção? Vosso tempo, excusa lembrar-vos, tornou-se deversas precioso e tem de ser bem repartido. A parte, que concederdes á lingua vernacula, está exigindo, por isso mesmo, o melhor aproveitamento possível. Tendes de compensar com a qualidade da leitura litteraria a quantidade della, que relativamente será exigua, pois os deveres do cargo e os estudos pedagogicos reclamam a maior porção de vosso tempo.

Mas, a lingua é um instrumento, de que necessitaeis a toda a hora, cumprindo-vos conserval-o e melhoral-o sob pena de vossa palavraz e de vossa redacção ficarem incapazes de apresentar vossos pensamentos com clareza, correcção e proficuidade. Quereis que eu vos indique, para principio, algumas obras litterarias?

Convém ler ou reler as dez obras seguintes, que estão entre as melhores de nossa lingua: — Joaquim Nabuco, "A minha formação"; Afonso Arinos, "Pelo Sertão"; Coelho Netto, "Sertão"; Visconde de Taunay, "Innocencia"; Machado de Assis, "Quincas Borba"; Alexandre Herculano, "Eurico"; Rubens de Alencar, "Cartas de Inglaterra"; Barbosa, "Cartas de Inglaterra"; Alberto de Oliveira, "Poesias"; Manoel Bernardes, "Nova Florista"; Camões, "Lusiadas".

5.ª AULA

Não se pode dizer que já esteja realizado de modo cabal o estudo do vocabulario de nossa lingua. Possuimos varios dictionarios, como, além de outros, os de Moraes de Vieira, de Aulete e de Figueiredo, que merecem francos elogios, mas nenhum delles satisfaz actualmente as exigencias da lingua vernacula. O Dictionario de Figueiredo é o mais rico vocabulario de nosso idioma, não correspondendo, entretanto, ao numero de vocabullos, por elle registrados, as definições e as construcções que apresenta. Em todo caso, não haja ne-